

Suplemento do Património

mensal | ano 10 | 3.ª série | n.º 65 | distribuição gratuita | revista municipal

O restauro da capela de São Bartolomeu (Aveleda, Lousada). Descrição formal e metodologias de intervenção. Janeiro - Novembro 2008. (2.ª parte)

Elsa Silva*

1. CAPELA DE SÃO BARTOLOMEU: ENQUADRAMENTO E ANÁLISE FORMAL

O presente artigo tem como objectivo dar continuidade ao estudo que se debruça sobre a Capela de São Bartolomeu que saiu na Revista Municipal n.º 63 do passado mês de Abril, no Suplemento do Património.

Esta segunda parte incide sobre a análise formal, estilística e decorativa da capela e do seu altar, assim como, serão levantadas algumas questões sobre a espacialidade deste objecto de culto. Tanto pela sua estrutura arquitectónica, assim como, pelo seu espólio decorativo, esta capela demonstra um grande interesse. Apesar de acharmos que terá sido erguida, pelo menos, nos finais do século XVII inícios do século XVIII, em termos de balizas cronológicas, correspondente ao

período artístico designado de barroco, devemos ter em atenção os seus elementos decorativos e arquitectónicos, pois demonstra-nos um gosto pela sobriedade tão característico de uma arquitectura chã, ou seja, muito depurada, de linhas simples e simétricas.

Pensamos que o mais correcto será caracterizar este edifício como um



Figura 1. Vista do alçado principal e da envolvente da Capela de São Bartolomeu

exemplo que emprega os padrões estéticos utilizados na época moderna, não se definindo totalmente um estilo preponderante, mas sim uma simbiose de estilos, ou seja, denota-se ainda arquitectonicamente um esquema formal definido pela simplicidade e contenção decorativa, remetendo-nos para soluções já utilizadas no século XVII.

Um dos pormenores que nos indica algo do espírito barroco é o eixo de simetria e o jogo de formas presente na fachada principal (vão de entrada, vão de iluminação, remate), tão característico deste estilo, no entanto, essa expressão demonstra ainda ser bastante tímida para a podermos caracterizar como um elemento arquitectónico plenamente barroco (fig. 1).

Outro facto que reforça esta ideia é o relato presente no Livro das Visitações¹ (Brandão, 1984:328) referente à capela de S. Bartolomeu em 1709, ou seja, a partir daqui perceberemos desde logo, que a sua construção é anterior a esta década, possivelmente, como mencionado anteriormente, dos últimos anos do século XVII inícios do século XVIII. Todo este conjunto de factos justifica mais uma vez a ideia da timidez de formas e vocabulário decorativo patente neste edifício.

É importante mencionar que o estilo chão português prolongou-se durante muito tempo na nossa arquitectura, tendo por isso muitas vezes coincido com o estilo barroco e até estando presente ao mesmo tempo no mesmo edifício. «Este estilo chão, seguindo um percurso evolutivo específico até aos finais do século XVII,

*Técnica Superior de História da Arte (estagiária) – Gabinete do Património Histórico

¹ Na visitação feita a Aveleda, em 20 de Junho de 1709, o Visitador quanto à capela de S. Bartolomeu, determina entre outras coisas «...Mandar fazer uma imagem do Santo e enterrar a que se acha por indecente»

acaba por oferecer uma eficaz resistência à aceitação do barroco.» (Serrão: 1993), o que resulta muitas vezes em espaços arquitectónicos onde se evidenciam valores de simplicidade, austeridade, limpidez e funcionalidade com alguns apontamentos essencialmente revistos na ornamentação, criando um ritmo e organização próprios do barroco. A capela de S. Bartolomeu no nosso entender é um exemplo que se encaixa nesta tipologia em que conjuga a linguagem de dois estilos no mesmo edifício. Este núcleo patrimonial de devoção popular testemunha no seu todo uma linguagem cuidada, plural e equilibrada.

1.1. Capela: observação espacial e descrição estilística

A capela de S. Bartolomeu é constituída por planta rectangular e por um espaço uniforme de uma só nave. A sua fachada principal é constituída por dois registos, o primeiro é definido pelo vão de entrada, onde sobressai de imediato uma almofada bastante pronunciada. No mesmo eixo de simetria observa-se um vão de iluminação de forma circular ovalado de razoáveis dimensões, sendo o único ponto de iluminação central para o in-



Figura 2. Vista parcial do alçado posterior e do alçado lateral

terior da capela. O segundo registo é composto por um frontão triangular de linhas bastante sóbrias e de grande contenção formal. Nas extremidades é decorado por dois pináculos de forma piramidal, e ao centro é encimado por uma cruz, que se insere no mesmo eixo de simetria: porta, óculo, remate superior, criando desta forma um ritmo bastante interessante a esta fachada. No seu todo é delimitado por cantaria em pedra e caiada de branco.

As fachadas ou alçados laterais (fig. 2), formalmente apresentam-se bastante sóbrias, sendo quebrada a monotonia pelos vãos de iluminação localizados nas extremidades desta. No alçado lateral esquerdo, encontramos uma espécie de nicho, que recebem *Alminhas*².

A fachada posterior segue os mesmos parâmetros de ritmo da fachada principal, no entanto, e como é comum na tipologia arquitectónica religiosa moderna, apresenta-se sem nenhum vão de iluminação, apenas é decorada por pináculos também de forma piramidal e encimado por uma cruz.

No entanto, é o espólio do seu interior que reforça o interesse desta capela. Constituída pelo, coro, púlpito (fig. 3 e 4) e retábulo, encontrando-se este último elemento, numa cota mais elevada através da integração de degraus, demonstrando a separação entre espaço do crente e espaço do celebrante.

É importante mencionar que a capela de São Bartolomeu antes das intervenções de reabilitação e conservação e restauro foi alvo de sondagens arqueológicas com o objectivo de percebermos qual a importância do local onde se encontra inserida, ou seja, foi realizada uma «*avaliação do potencial arqueológico da área da implantação da capela de São Barto-*



Figura 3. Coro-Alto



Figura 4. Pormenor do púlpito

lomeu de forma a garantir, a identificação, o estudo e a salvaguarda de eventuais vestígios arqueológicos existentes no subsolo do adro que cerceia o imóvel» (Leite, et al, 2009: 2 e 3), assim como, para percebermos a evolução da construção da própria capela.

Quando se procedeu à desmontagem do altar (fig. 5) que constitui a capela, descobriu-se um arco de volta perfeita inserido na parede fundeira (fig.6) que levantou várias dúvidas quanto à evolução construtiva da capela. Visto não termos documentação que nos defina o desenvolvimento do projecto, nem mesma a sua data específica de construção, cabe-

² Este elemento é mais uma prova da importância da função social e religiosa popular que a capela de São Bartolomeu teve e tem, ou seja, as Alminhas são mais um factor que reforça a ideia de um local de passagem importante onde o crente parava por momentos e poderia fazer a sua prece.



Figura 5. Pormenor da zona da tribuna e do remate do retábulo antes da intervenção de conservação e restauro



Figura 6. Processo de desmontagem do retábulo

nos tentar perceber ou pelo menos levantar questões com o objectivo de reflectir e pensar sobre este espaço de culto. A primeira possibilidade com que nos deparamos foi que a capela iria ser maior e que aquele arco teria a função de arco cruzeiro, ou seja, elemento que demarca o espaço da nave do espaço da capela-mor, e que por algum motivo não houve a possibilidade de se realizar. No entanto, as sondagens arqueológicas que foram realizadas na Capela de São Bartolomeu demonstraram-nos que o projecto não foi pensado dessa manei-

ra, e demonstra a «inexistência de evidências de caboucos destinados a albergar as fundações da suposta capela-mor. De facto, os trabalhos desenvolvidos no exterior da cabeceira dotada de arco de volta inteira, não encontraram quaisquer alicerces que denunciasses tal intenção arquitectónica» (Leite, et al., 2009: 4. Segundo as normas construtivas dos templos religiosos, o projecto seria por regra desenvolvido a partir da capela-mor, o que significa que o primeiro espaço a ser erigido seria este mesmo. Esta situação propõe-nos questionar se o espaço da parede fundeira onde se desenvolve o arco teria sido pensado para albergar um altar que encaixasse naquela zona. Ou seja, terá sido previsto outro altar, tipologicamente diferente, ao que hoje encontramos na Capela de São Bartolomeu? Terá alguma vez o projecto programado uma capela-mor? Se foi programada não terá sido realizada por falta de poder económico?

Outro aspecto importante sobre esta capela é a *Determinação do Visitador* de 1709 que menciona o seguinte: «...Mandar fazer uma imagem do Santo e enterrar a que se acha, por indecente». Actualmente pensamos que a imagem de São Bartolomeu que se encontra na Igreja Paroquial de Aveleda, através da sua análise formal, será a que é referida nas Visitações, o que reforça a ideia mencionada anteriormente. Talvez num projecto inicial tivesse sido pensado para aquele lugar outro retábulo ou até mesmo tivesse existido um outro altar, que estilisticamente fosse ao encontro da estética da imagem do Padroeiro, que o Visitador menciona.

No entanto, ainda não temos fontes suficientes para podermos esclarecer estas questões relacionadas com a espacialidade desta capela, mas achamos importante levantá-las com o objectivo de futuras investigações e também para expormos todas as problemáticas desta capela de forma a perceber melhor a sua evolução.

1. 2. Retábulo: Descrição estilística e decorativa

Antes da intervenção de conservação e restauro o altar da capela de S. Bartolomeu encontrava-se numa situação grave (fig.7), no entanto, com-



Figura 7. Pormenor do arco de volta perfeita localizado na parede fundeira

preendia-se que demonstrava pelas suas características formais e decorativas um enorme interesse estético. Este retábulo, depois de ter sido intervencionado, ajuda-nos a fazer uma leitura mais clara e principalmente salvaguardou um excelente exemplar da arte da talha portuguesa.

Devido ao estado de deterioração tão acentuado, era bastante difícil perceber as suas características formais e estilísticas. Os seus pormenores decorativos encontravam-se escondidos, devido a repetidas patines de repinte que este tinha. Esta tinta preenchia o retábulo no seu todo, apresentando cromaticamente uma tonalidade cinzento azulado, o que nos fez depreender numa primeira fase e de forma comparativa com outros exemplares retabulares que provavelmente este retábulo tinha como objectivo ser dourado. No entanto, à medida que foi intervencionado, e segundo a análise do Conservador Restaurador da obra, Alexandre Maniés, não foram encontrados quaisquer indícios que sugerissem a possibilidade de douramento do retábulo. Esta situação mais uma vez veio provar que o património deve ser estudado e analisado por uma equipa interdisciplinar com objectivo de alcançarmos uma leitura mais clara e correcta.

Durante o processo de trabalho de conservação e restauro foram surgindo apontamentos de policromia em tons de azul, verde, laranja 8 (fig. 8 e 9), oferecendo-nos uma leitura mais plural, sendo por isso necessário aprofundar o estudo deste retábulo, quanto à existência ou não de documentação e de questões ligadas à policromia.

A estrutura retabular deverá inserir-



Figura 8 e 9. Trabalhos da intervenção de restauro: pormenores do levantamento da camada de repinte

-se na tipologia dilatada do estilo Joanino. Formalmente é composto pela base, pelo corpo e pelo coroamento ou remate (fig. 10). O primeiro registo é formado por uma mesa de forma



Figura 10. Vista do altar depois da intervenção de restauro

rectangular, decorada essencialmente por motivos vegetalistas caracterizados pela fluidez das suas formas. Actualmente apresenta uma paleta definida pela tonalidade base, branco “mármore”, com alguns apontamentos de cor verde e laranjas presentes predominantemente nas zonas delimitadoras da estrutura.

O segundo registo, definido pelo corpo, divide-se em três espaços. No centro abre-se um vão central (tribuna), onde se destaca uma espécie de pedestal, bastante teatral. Este espaço deveria ter como objectivo a colocação da imagem do Santo Padreiro da Capela. Mais uma vez destaca-se preponderantemente uma decoração vegetalista. Nos painéis laterais sobressai o arranjo das colunas e das pilastras. Duas delas em espiral, decoradas delicadamente por pequenas rosetas em tons alaranjado, sendo a coluna revestida a azul. As pilastras mais próximas da zona da tribuna são constituídas por uma espécie de atlantes bastante elegan-



tes, terminando numa decoração também vegetalista. Outros elementos, muito característicos deste estilo, são os painéis que se encontram ladeados por estas colunas ornamentadas por cartelas e motivos florais.

O remate do retábulo distingue-se pela sua configuração cénica e solta, denunciando uma composição movimentada, onde se denota uma simetria e equilíbrio entre a natureza dos painelamentos e a forma humana (fig. 11). Resumidamente o retábulo de S. Bartolomeu pela sua estrutura, assim como, pela sua decoração assimila particularidades muito interessantes. A sua base policroma num branco mármore, realçado pelo contraste de luz e sombra, juntamente com os apontamentos de policromia (laranjas, verdes e azuis), revela o carácter dramático, acrescentando a esta obra um aspecto de requinte e erudição. Formalmente realça uma enorme plasticidade e dinamismo, demonstrando noções de movimento (formas côncavas e convexas, utilização da concha, figuras angélicas e alegóricas que revelam movimento, painelamentos soltos, ornatos florais diluídos, remates contracurvados, colunas e pilastras dinâmicas). Por tudo isto este retábulo demonstra ser uma obra de enorme qualidade artística, materializando uma expressão elegante e versátil.



Figura 11. Pormenor do remate do retábulo depois da intervenção

Bibliografia

BRANDÃO, D. de P. (D.) (1984) – *Obras de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura. Diocese do Porto: Subsídios para o seu estudo*. Porto: Diocese do Porto. Vol. I.
KUBLER, G. (1988) – *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes. 1521 – 1706*. Lisboa: Vega.
LEITE, J., et. alli (2009) – *Projecto de Restauro e Requalificação da Capela de São Bartolomeu (Vilela – Aveleda): resultados arqueológicos*. Suplemento de Arqueologia da

Revista Municipal de Lousada. Revista Municipal de Lousada. Ano 9. 3.ª série. N.º 62. Lousada: Câmara Municipal.

RODRIGUES, J. C. M. (2006) – *Retábulos no Baixo Tâmega e no Vale de Sousa: do Maneirismo ao Neoclássico*. Porto: III Congresso Internacional da A.P.H.A.

SERRÃO, V. (1986) – *O Maneirismo*. História da Arte em Portugal. Lisboa: Publicação Alfa. Vol. 7.